

Colonização/ colonialismo - Guerra Colonial - Revolução dos Cravos - Descolonização

<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7815/1/WP132.pdf>

1. a noção de **Colonização** - colónia
2. **O colonialismo** - a dimensão negativa da colonização, engloba a colonização, os seus excessos, a sua legitimação
3. ex-colonizador - revitalização da categoria colonização / o ex-colonizado fala de colonialismo, categoria que explica a totalidade do fenómeno.

o colonialismo caracterizado por

* a desigualdade relacional - descontinuidade territorial entre o país colonizador e o país colonizado, a diferença cultural e social entre colonizados e colonizadores, a eliminação da autonomia do colonizado (posição sempre reforçada do colonizador)

* o exercício constante de **desmemoriação** das populações dominadas em relação à sua **própria história**, introduzindo a história do colonizador e **incentivando uma nova memória** - hierarquização dos homens de acordo com a norma do colonizador

Tudo legitimado por – nação, civilização, história .

Durante o século XIX, - após a independência do Brasil, a África foi ocupando um lugar central na vida nacional.

A conferência de Berlim (1884-1885) – Partilha de África – (oficialização do neocolonialismo)

Ultimato inglês de 1890 - a partir do final de Oitocentos - iniciam uma revisão histórica das ‘suas’ conquistas e dos ‘seus’ direitos, no continente africano, **construindo uma mitologia colonial destinada a** explicar e a justificar os direitos de Portugal, que teria sido, em todos os lugares, o primeiro a dar conta das terras, dos homens, das línguas e das produções.

Transformou as colónias em operações ideológicas - situação reactivada pela **República, em 1910**, pelo **Estado Novo, a partir de 1926**.

Paralelamente começou a esboçar-se a **teoria para-antropológica**, destinada a mostrar a **singularidade positiva das relações seculares dos portugueses com os Outros**.

Esta tese, que encontraria a consistência teórica em 1933, na escrita sociológica de Gilberto Freyre, constituiu o eixo do **segundo período da mitologia colonial portuguesa**, que começou a ser elaborado na década de 1940. -

- Em torno do carácter excepcional da colonização portuguesa, no respeitante às relações inter-humanas

No momento em que as potências coloniais negociavam as independências africanas e asiáticas, **Portugal reforçava** no plano interno, o carácter obstinado do seu colonialismo, apoiado pelos colonos . ENQUANTO que **no plano internacional**, mobilizava os 'direitos históricos' para recusar as mudanças da história.

Resumindo, estes três grupos de mitos, pensados em três dimensões –

antropológica - a superioridade racial e cultural do homem branco e o seu corolário «a missão civilizadora»,
histórica - papel fundador dos descobrimentos portugueses no conhecimento e a secular continuidade da presença de Portugal no mundo,
sociológica - a teoria do lusotropicalismo, de Gilberto Freyre, assentando na singularidade das relações harmoniosas sempre estabelecidas pelos portugueses com outros povos, ***as virtudes da «assimilação»*** e as evidências da ausência de racismo nacional - ,
asseguraram de maneira eficaz e duradoura **a justificação e a legitimidade histórica das opções coloniais portuguesas.**

Foi sobretudo **após a implantação da ditadura militar (1926) - o Estado Novo (1933)** que se reforçou a ideia de «**missão civilizadora**», pela via de um longo processo de «assimilação», em África, para justificar a colonização:

“não imaginemos que é possível a brusca passagem das suas superstições para a nossa civilização (...). É impossível que, de um salto, eles [os africanos] transponham esta distância de séculos”, afirmava em 1933 o ministro das Colónias Armindo Monteiro

Na década de 1960, marcada pela guerra colonial, reforço de argumentações do regime, apoiadas em novas perspectivas explicativas de Freyre (1961) - que recorrendo a factos históricos da expansão portuguesa, contribuiu para consolidar uma dimensão nova e autónoma da natureza colonial portuguesa: **a ausência de racismo** quer nos sentimentos, quer nas práticas sociais.

Discurso de Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros: em 1967:

“...fomos nós, e nós sós, que trouxemos à África antes de ninguém a noção de direitos humanos e de igualdade racial; e somos nós, e só nós, que praticamos o multirracismo, havido por todos como a expressão mais perfeita e mais ousada de fraternidade humana e progresso sociológico. “

A Casa de Estudantes do Império – fundada em 1944

Para preservar a unidade imperial das origens de todos os estudantes que vinham para a metrópole, mas acabou por se tornar o principal foco de agitação anticolonialista na metrópole, onde se criaram muitas das personalidades que dariam rosto aos movimentos de libertação das colónias e acabou por se tornar central na consciencialização política de muitos que combateram o regime salazarista.

Fundadores dos futuros movimentos independentistas dos territórios colonizados passaram pela Casa. Numa primeira fase, ainda na década de 1940, a subversão contra faz-se notar através da que ficaria conhecida como a “**geração mais velha**”, - Agostinho Neto e Lúcio Lara (Angola), Amílcar Cabral (Guiné-Bissau), Marcelino dos Santos (Moçambique) e Alda do Espírito Santo (São Tomé e Príncipe).

<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-casa-dos-estudantes-do-imperio/>

Em finais da década de 50 - 60 são criados os movimentos de libertação nas «*províncias do ultramar*» e na Casa publicam-se escritores como José Craveirinha, Luandino Vieira e Viriato Cruz, entre outros

Mensagem ao povo português onde se exige a **autodeterminação** dos povos subjugados, a retirada das forças armadas dos territórios africanos e liberdade política.

Em 1963, é cortado o financiamento do Estado à Casa dos Estudantes do Império, que acaba por ser encerrada dois anos depois

Cahora Bassa, na garganta do Zambeze

<https://ensina.rtp.pt/artigo/cahora-bassa-na-garganta-do-zambeze>



RETORNADOS - REFUGIADOS





cerca de 600 mil portugueses regressaram a Portugal, após a revolução de 1974, na sequência do processo de descolonização

<https://ensina.rtp.pt/artigo/quem-eram-os-retornados/>

<https://www.youtube.com/watch?v=9abVrBmJ0yE>

<https://www.youtube.com/watch?v=Q38p4l6HGYQ>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/casa-retornados/>

FADO

<https://ensina.rtp.pt/artigo/cuidado-com-a-lingua-fado/>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/cuidado-com-a-lingua-gingar/>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/armandinho-mestre-da-guitarra-portuguesa/>

Armandinho em Lisboa / Artur Paredes em Coimbra – desenham as novas guitarras com mais som e mais caixa

Nos anos 20 do séc. passado surgem as casas de fado

A raiz comum do fado e da morna

São ambas canções de alma, de nostalgia e de saudade. E não é só nos temas que o fado português e a morna cabo-verdiana têm pontos de contato.

<https://ensina.rtp.pt/artigo/raiz-comum-fado-morna/>

Carlos do Carmo: <https://www.youtube.com/watch?v=UrLn3xPxr-8>

Cesária Évora <https://www.youtube.com/watch?v=GrDHCxXF318>